



CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM EM WALTER BENJAMIN.¹

Ricardo Lavalhos Dal Forno², Dr. Paulo Rudi Schneider³. UNIJUI

A concepção de linguagem de Walter Benjamin é determinada pelo desvelamento da “contradição da linguagem”. Tal contradição nasce da ambivalência inerente a qualquer acontecer da linguagem, que pressupõe duas dimensões fundamentais. Em que por um lado pretende apontar para conteúdos que existem externos aquele que usa instrumentalmente a linguagem, na descrição de uma realidade que existe independente de quem a descreve, na objetivação de conteúdos e fundamentos por um sujeito seguro de sua independência. E por outro lado é a possibilidade da realização de qualquer aparição dentro da totalidade onde sempre se está, o que impossibilita a definição absoluta de tal totalidade, pois a mesma linguagem é a sempre expressão parcial da essência de algo dentro da própria totalidade em que na linguagem tudo está a participar e a se definir, onde nenhum sujeito descomprometido pode organizar de fora e compreender o mundo empírico. A preocupação com a linguagem perpassa toda a obra filosófica do autor, portanto se tem como maior fonte de pesquisa os textos do próprio Benjamin. Pensar a questão da linguagem, tendo em vista seu paradoxo, é movimentar épocas passadas ainda presentes em discursos positivados e comportamentos normalizados a comandar cada suspiro cotidiano, possibilitando um recordar que noticia um encontro consigo mesmo e com a todas as outras coisas no lugar onde sempre esteve. Na busca do que já se é, mas de alguma forma não se sabe; do que está aí, mas está de alguma forma escondido pelo véu da normalidade e pela autonomia do sujeito. O que possibilita a novidade, a experimentação de algo para além das repetições costumeiras, da normalidade estabelecida e do sujeito seguro de sua independência. Pois a linguagem deve ser compreendida como manifestação parcial de uma essência participando de uma totalidade e não como objetivação total da essência de algo. A Filosofia, então, que se dá conta da “contradição da linguagem” e da linguagem enquanto participação, não é um campo de manutenção e justificação de determinados conceitos e fundamentos dentro de uma rede sistemática, mas sim atividade que pretende descobrir as totalidades dogmáticas que, nas variadas áreas do saber humano, determinam a compreensão dos vivos. A Filosofia de Benjamin, segundo sua concepção de linguagem, então, diz respeito à esfera do silêncio da recordação, que empresta seus ouvidos aos mais diferentes discursos, e que acalenta a infinitude das possibilidades do dizer, consciente de também ser parte do que se compreende, o que impossibilita qualquer novo início descomprometido com o que já se é parte, ciente da “contradição da linguagem” e da participação que caracteriza qualquer expressão na linguagem. Pibic/CNPq.

¹ Projeto de pesquisa financiado pela bolsa de Iniciação Científica Pibic/CNPq

² Aluno do Curso de Filosofia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijui). Bolsista PIBIC/CNPq. 2008/2009



³ Professor Orientador, Professor Doutor do Curso de Filosofia, do Departamento de Filosofia e Psicologia (DFP) da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí).